



DL-01

Ses. Esp. 17/05/12

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a sessão especial em homenagem ao dia da África, diálogo entre as casas africanas da Bahia e comunidade baiana, proposta pelo meu querido amigo, deputado Bira Corôa.

Para compor a mesa, convido: o Exmº Sr. proponente desta sessão, deputado Bira Corôa; o Exmº Sr. Secretário de Promoção da Igualdade, Elias Sampaio, representante do governador Jaques Wagner; a Srª Vereadora da Câmara Municipal de Salvador, Olívia Santana, representante do presidente da mesma, Pedro Godinho; o Sr. Adido Cultural Adjunto e diretor da Casa de Angola da Bahia, professor Camilo Afonso; o Sr. Diretor da Casa da Nigéria da Bahia, Oyewo Mojeed; o Sr. Major PM, Paulo Peixoto, conselheiro do NAFRO PM Bahia e representante do comandante-geral, Coronel Alfredo Castro e sub-comandante do general-coronel, Eleutério; o Sr. Presidente do Conselho Estadual de Cultura, Mário Crion e o meu querido amigo, professor Jorge Portugal, apresentador do programa educativo da TV. (Palmas)

Vamos assistir agora a apresentação do Toque para Exu.

(Apresentação)



3343-II

Ses. Esp. 17/05/12

Or. Camilo Afonso

Homenagem ao dia da África.

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Tendo em vista compromisso assumido anteriormente, quero passar a presidência dos trabalhos ao nobre deputado Bira Corôa e voltarei no encerramento desta sessão especial em homenagem ao dia da África. Portanto passo a palavra ao nobre deputado Bira Corôa.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Neste momento passo a palavra ao representante da Casa de Angola, professor Camilo Afonso, adido cultural e adjunto da Casa de Angola na Bahia. (Palmas.)

O Sr. CAMILO AFONSO:- Ex^a, Sr. Deputado Bira Corôa, Ex^{as} membros da Mesa, minhas senhoras, meus senhores, é com muita alegria que nos encontramos aqui para neste dia comemorativo da mãe áfrica podermos trocar algumas informações sobre as razões da nossa presença neste espaço que se chama Bahia.

A Casa de Angola surge no quadro dos acordos bilaterais existentes entre o Brasil e Angola. Acordos assinados em todos os domínios é de 1989. Se nos reportarmos a um passado longínquo, presente, vemos as razões de estarmos aqui. Muitas vezes nas escolas onde nós passamos, nos perguntam qual a razão de a Casa de Angola estar aqui. Será que em Angola, também, é a casa do Brasil? A casa do Brasil é em Angola.

Esta casa está aqui por razões de um passado histórico que data desde o século XVII e até a independência do Brasil. Quando o movimento da independência do Brasil estava a dar-se aqui, em Angola, em Benguela também havia um movimento que quis associar-se à independência do Brasil para alcançarmos a independência de Angola.

Os escravizados trazidos aqui forçosamente vieram dos antigos paços do Congo e do Ndongo que vai dar o nome de Angola. Vieram para o Nordeste. Quando Diogo Cão aportou no antigo Reino do Congo e com a construção das primeiras igrejas, o nome Banja Congo, Banja quer dizer cidade dos bancongos, que foi protelada e passou a ser São Salvador, e a capital do império português aqui era São salvador que é Bahia.



O cristianismo entrou na África a partir do Reino do Congo e aqui entrou a partir do Porto Seguro, logo elementos em comum que fazem com que estejamos aqui. Em 1639, o Padre Jesuíta, Pedro Dias, coletou aqui na Bahia todos os elementos da língua quimbondo que é uma das principais línguas de Angola. E no dia a dia, aqui na vivência, fala-se de Angola: moleque, cutucar, futucar, bunda, por ali fora, acaças, aqui goma, a cabula, engomadeira são nomes de Angola, mas ninguém sabe que parte da África, eu estou a dizer, porque sou banto, do antigo Reino do Congo, estou a dizer, porque estou aqui sempre todos os dias, mas ninguém sabe, por isso que estamos aqui para dar essa contribuição e para não alongar eu trouxe para vocês um DVD, que já solicitei à Mesa para interagirmos e vermos se o que estou a dizer está de encontro com a realidade que está aqui.

Por isso solicito a apresentação das imagens.

(Apresentação de vídeo)

(Palmas)

O Sr. CAMILO AFONSO:- Obrigado pela atenção.

Eu dizia que o percurso no espaço e no tempo para poder-me situar, eu pude verificar os semblantes de que as imagens que estão aqui apareceram ali. Esses são os laços que nos unem. Nós, na África, dizemos assim: vai no ver e não no ouvir dizer.

Portanto, esta é a imagem de uma África que está a renascer. As imagens que muitas vezes passam na mídia não apresentam essa realidade. Nós também temos favelas, mas por razões bem históricas, porque fomos marginalizados a viver no que é hoje a Paralela; também vivemos nos bairros de lata. O que aparece hoje é o resultado dos dez anos de paz. Depois da abolição, veio a colonização, muito atroz, por isso que o facão teve que trabalhar para alcançarmos a independência. E o Brasil foi o primeiro país a reconhecer a nossa independência.

Imaginem que aqui vivia essa ditadura e nós vivíamos na ditadura dos portugueses. Como é que uma ditadura pode reconhecer uma colônia de um outro ditador? Mas isso aconteceu. Nós temos como padrinho político no contexto das nações o Brasil. E não só porque a nossa realidade esteve sempre mais ligada ao Brasil do que ao próprio Portugal. Até



a nossa independência, e depois da independência, o que consumimos foi com a presença brasileira.

A capoeira tem as suas origens em Angola. A rainha Ginga é angolana. A senhora que desafiou os portugueses, a primeira diplomata mulher que foi enfrentar o governador, não lhe deram nenhum assento, mas uma das suas súditas ofereceu-se, até que a sessão terminou. E quando ela se levantou, o governador perguntou: mas está aí a sua serva. Aquilo que já não preciso, o senhor pode utilizar. Imaginem a sabedoria que ela teria utilizado naquele tempo. A senhora morreu aos 81 anos desafiando os portugueses. É a senhora que foi iniciada no Quilombo. O Quilombo é nome de Angola. Em quimbundo é aquele albino, quilombo é albino; lombo.

Portanto, como podem ver quantos elementos temos que nos unem. Por isso, dizemos que a Casa de Angola está aqui. É uma casa que tem um biblioteca com seis mil obras, uma auditório, uma sala de leitura aberta a todos os pesquisadores e não pesquisadores, um museu com espaço mágico-religioso e o cotidiano dos nossos povos. É claro que ainda não conseguimos trazer tudo quanto é necessário para reconstituirmos Angola, desde seu passado ao presente, mas estamos aqui para darmos a nossa contribuição naquilo que nos for solicitado.

Lamentavelmente, devo aqui dizer que estou há 2 anos e 8 meses e ainda não pude partilhar com especialistas em história, cultura, enfim, falar sobre esse passado. Nós, não no virtual, temos oferta da Unesco, no Brasil, de oito volumes sobre História Geral da África. Os poucos estudantes africanos que temos aqui, alguns no doutoramento, claro, têm sede de partilhar, de saber o que foi essa África, o que temos em comum... A comida, a gastronomia daqui é igual à de Angola: o inhame, a abóbora, a batata, a mandioca, o amendoim, enfim, tudo isso... Temos o calulu de peixe, de carne de sol ou carne seca, como nós consideramos; a maniçoba, que é a nossa quizaca, enfim, tanta coisa em comum, mas quem discute isso? Ninguém.

Então, nós da Casa de Angola queremos dizer que estamos abertos a receber quem quer que seja para discutirmos elementos do passado comum, tanto no domínio religioso,



tanto no domínio histórico-cultural, nós estamos ali para darmos a nossa contribuição nessas ações afirmativas que têm sido levadas a cabo.

A vereadora Olívia Santana faz da Casa de Angola sua Casa. A minha mãe Nice também faz da Casa de Angola sua casa, então, espero que outras pessoas possam aparecer, porque não estamos aqui para fazer, vamos assim dizer, uma presença amorfa, mas ativa. Queremos partilhar. Queremos discutir o que é isso. Quem é o banto? Se eu perguntar quem é o banto, eu e o meu irmão nigeriano – somos dois irmãos: um ficou na Bacia do Níger e eu fui para a Bacia do Congo, mas somos dois irmãos, porque os bantos partiram da Nigéria para baixo. Mas aqui, perdoem-me dizer isso, parece que há um choque entre os iorubás e os bantos. A mulher iorubá protege a cabeça, não é? E o banto não protege. Por quê? Só a cabeça – tubanto quer dizer pessoas, homens, seres. O radical tu quer dizer cabeça. Então, tudo que ele faz, tudo parte da cabeça, é um ser pensante. Então, isso tem que ser discutido para se chegar a essa conclusão lendo.

Quero pedir aqui não se deixem, na história da África, no virtual. Estava vendo agora os oito volumes. Ontem disseram-nos que não podíamos fazer parte da história, porque só haveria selvageria, barbaria, feitiçaria, mas, graças a Deus, aquele continente-berço... oito volumes! Gostaria de saber quantos continentes têm oito volumes seguidos sobre a mãe África.

Por isso estamos aqui para partilhar.

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



3344-II

Ses. Esp. 17/05/12

Or. Oyewo Mojed Oyebamiji

Homenagem ao dia da África.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Coroa):- Nós é que agradecemos ao professor Camilo.

Quero convidar para compor a mesa o Sr. Marcos Alves Nunes, aspirante-médico, representante do comandante da Base Aérea de Salvador, Coronel Maurício Sampaio. (Palmas.)

Neste momento, passo a palavra ao diretor da Casa da Nigéria Oyewo Mojed Oyebamiji.

O Sr. OYEWO MAJEED OYEBAMIJI:- Boa-tarde, deputado Bira Corôa, senhores e senhoras!

Sou coordenador na Casa da Nigéria. Ela chegou aqui no Brasil em 1998. A pergunta que algumas pessoas fazem para si próprias é: por que Casa da Nigéria? A resposta é simples e remete a um simples fato histórico importante: cerca de 60 milhões de brasileiros e brasileiras se autodeclaram afrodescendentes e descendentes de nigerianos. E é por conta disso que o governo do Estado da Bahia fez esse convite ao governo da Nigéria para instalar a Casa da Nigéria aqui na Bahia. E fizeram esse contato diretamente com o pessoal da Nigéria para fazer essa ponte com a Bahia.

Assim, desde 1998, a Casa da Nigéria tem feito suas atividades na Bahia. Mas o que exatamente faz? Qual o objetivo dela neste Estado? Estamos aqui simplesmente para cooperar com o governo estadual, as associações, ajudar na promoção cultural e de igualdade no Estado, promovendo também a cultura africana. Cooperamos ainda com organismos de pesquisa que tenham seu trabalho voltado para a cultura africana e a história nigeriana. Esses são os principais objetivos pelos quais brasileiros também têm feito contato com a Nigéria.

Desde a sua fundação aqui na Bahia, a Casa da Nigéria tem desempenhado algumas atividades, como o ensino da língua iorubá para pessoas daqui que estão interessadas. E acreditamos que o iorubá é uma língua litúrgica, sobretudo na religião



candomblé. Essa é a principal razão de a língua iorubá ser tão importante para a Casa da Nigéria.

Também temos ajudado entidades como Ilê Opó e outras aqui do estado que fazem um trabalho nesse mesmo sentido de promoção da igualdade racial.

Desde que viemos para o Brasil, estamos planejando celebrar. E, em setembro do ano passado, celebramos a “Semana da Nigéria”. Uma das coisas que gostaria de falar e homenagear é o acarajé que tem a mesma significância para nós assim como aqui na Bahia.

A Nigéria é um país e possui uma cultura dentro do continente africano tão parecida e tão homóloga quanto a daqui da Bahia. A nossa cultura é um dos pilares mais importantes também no governo nigeriano.

Também, nós comungamos, assim como a Bahia, nós temos vários orixás de mesmo nome como Iemanjá, Oxum, Ogum, Xangô e alguns outros orixás. Como ele já disse, a cultura é um dos pilares mais importantes para o governo da Nigéria. E se vocês forem hoje para lá, verão muitos eventos e festivais organizados pelo governo da Nigéria.

Quando cheguei ao Brasil, em janeiro, sabia que precisava e tinha a missão de conhecer as pessoas que trabalham aqui e, também, promover a promoção cultural. Existe uma expressão nigeriana “obi” que tem a sua raiz e nasce também em iorubá. Isso, na verdade, é uma expressão que precisa não só falar mas é muito no sentido do que você está pensando. Este é um aperitivo usado, também, lá nas oferendas feitas para os orixás.

Quando vim para o Brasil, em janeiro, percebi que os brasileiros cultuam os orixás de uma forma muito forte e de uma forma muito presente. Fico muito feliz que isso aconteça e seja feito desta forma.

Neste momento, sei que os desafios para os brasileiros e as brasileiras têm a ver muito também com a ponte e o conhecimento em relação à Nigéria.

Eu vou passar algumas informações sobre a Nigéria. A casa da Nigéria está aberta para todas as pessoas que queiram conhecer a cultura nigeriana. Qualquer informação adicional sobre a nossa cultura, vocês fiquem à vontade para perguntar, que nós teremos o maior prazer em responder. Trouxe um cd sobre o Festival de Oxum que estou produzindo



para ser exibido e fazer uma apresentação aqui. Agora a gente vai assistir ao vídeo, depois eu continuo falando.

(Apresentação do vídeo)

O Sr. OYEWO MOJEED OYEBAMIJI:- Obrigado por ouvirem a celebração do Dia da África na Bahia, e meus sinceros agradecimentos ao deputado Bira Corôa por estar realizando essa celebração do Dia da África. E o resultado dessa celebração é a mudança que ela proporciona em cada um de vocês, para discutir os valores e normas que regem a Bahia e a África e discutir e comparar os valores em relação a cada nação, as diferenças e igualdades.

Essas cerimônias também servem para percebermos milhões de africanos que temos perdido, ou seja, celebrações como essa precisam continuar acontecendo não só aqui, mas em todos os lugares se precisa falar em africanos. Essa cerimônia não pode ser feita apenas por uma pessoa.

Agradeço, mais uma vez, ao deputado Bira Corôa, e agradeço a cada um de vocês que estão aqui contribuindo para o impacto e o valor desta sessão.

Muitíssimo obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

**3345-II****Ses. Esp. 17/05/12****Or. Elias Sampaio****Homenagem ao dia da África.**

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa): - Nós é que agradecemos. Quero, antes de passar para o próximo orador, registrar as presenças dos deputados Reinaldo Braga e Fátima Nunes, da Unegro – Terreiro Raça do Ventura, Ilê Axé Oxumaré, Sociedade Carnavalesca Filhos do Coração, a Uneb, o jornal *A Tarde*, o Centro Umbandista Paz e Justiça, Babá PC do Ilê Axé Oxumaré, Sr. Gilson, que representa os povos ciganos do Estado da Bahia, Terreiro Vintém de Prata, Terreiro de Lemba. Também esteve presente Tata Ricardo; Terreiro Oió Bomi, Fórum Estadual de Religiões de Matriz Africana, Ilê Asé Kalé Bokum, Terreiro Kuê Vodum Zoo; a artista plástica Rose Mafalda e logo mais vou seguindo as presenças.

Quero passar a palavra, neste exato momento, pedindo desculpas pela quebra de protocolo, pois ele tem um compromisso que estava previsto para as 17 horas, já estava comprometido, ao secretário de Promoção da Igualdade do Estado da Bahia, Elias Sampaio, que neste ato representa o governador do Estado, Jaques Wagner.

O Sr. ELIAS SAMPAIO:- Boa-tarde a todos e a todas, queria, de antemão, pedir desculpas, mas estávamos organizados para começar às 14h30min. A agenda é com pessoas de fora do Estado, às 17 horas. Mas não poderíamos deixar de estar aqui, hoje, para celebrar o Dia da África.

Eu queria cumprimentar a Mesa nas pessoas do deputado Bira Corôa e da nossa vereadora Olívia Santana e cumprimentar os demais da Mesa em nome dos dois representantes aqui do nosso continente-mãe, que são o representante de Angola e da Nigéria. Infelizmente, o representante do Benin não está. Se estivesse, estariam presentes nessa Mesa exatamente as três grandes forças civilizatórias, ou pelo menos três das grandes forças civilizatórias africanas que contribuíram para isso que o Brasil é hoje.

Não podemos falar em Brasil sem falar de África. Não podemos falar na verdade da civilização moderna nem da civilização não tão moderna sem falar de África. Do ponto de



vista protocolar, que é uma fala do Governo do Estado, queria deixar aqui um recado, considerando três aspectos relacionados com o que achamos sobre a importância da celebração do Dia da África aqui na Bahia e aqui na Assembleia Legislativa: primeiro, parabenizar o deputado Bira Coroa, já é a segunda vez que estou aqui na comemoração do Dia de África, parabenizá-lo pelo seu mandato e todos aqueles que colaboram para a construção desse Dia. O Dia da África passou a ser algo importante na agenda política do Estado da Bahia. Não só da agenda cultural, não só da agenda da sociedade, mas o Dia da África passa a ser parte da agenda política do Estado da Bahia, e o deputado Bira Coroa é um dos grandes incentivadores disso. O Governo do Estado da Bahia não só concorda como sempre vai estar presente aqui para fazer as suas falas.

Quero dizer com isso que estamos num momento, pelo menos entendo assim, muitas pessoas entendem assim, extremamente importante do Brasil. Falava esta semana com uma pessoa que mora na Alemanha e ela me dizia a forma com que a Europa e que os outros países do Ocidente, principalmente do Hemisfério Norte, estão começando a enxergar o Brasil. É uma forma totalmente diferente da que se via antigamente. Isso nos traz a necessidade de uma reflexão. O que tem acontecido com o Brasil nos últimos anos, apesar de ser um País historicamente reconhecido pelo seu tamanho, pelas suas riquezas naturais, pelo seu papel histórico, que não é mais reconhecido como um país do futuro, mas como um País do presente? O que tem acontecido com este Brasil? Façamos uma tentativa de explicar isso. Nos últimos dez anos do governo brasileiro e nos últimos cinco anos do Governo da Bahia, alguns atores que sempre foram colocados em segundo plano na sociedade e na política passam a ser atores centrais da História do Brasil. Não só da história do passado, mas eles passam a ser atores centrais da política brasileira. Estou falando do projeto político encabeçado pelo presidente Lula e pela presidenta Dilma Rousseff. Estou falando disso.

Não podemos deixar de assinalar que a grande diferença entre esse projeto político - porque o Brasil já teve outros modelos desenvolvimentistas, tivemos o Juscelino Kubitschek, tivemos outros governos, digamos, democráticos, depois que a Ditadura acabou - o grande diferencial que o governo inaugurado em 2003 no Brasil e o governo inaugurado em 2007 aqui na Bahia é que eles têm um olhar diferente sobre este grupo de pessoas que



aqui está. É esse o recado que eu queria, em primeiro lugar, dividir com os nossos irmãos africanos, que aqui estão presentes e todos os nossos irmãos brasileiros de origem africana ou não que estão presentes.

Então, é a partir do governo Lula, no Brasil, e a partir do governo Wagner que se fala sobre igualdade racial da forma mais explícita possível, se fala sobre inclusão de todos aqueles grupos sociais que não estavam sendo atingidos por outras políticas. É no governo Lula e no governo Wagner que não se tem vergonha de incluir nas políticas públicas uma discussão sobre toda e qualquer forma de intolerância que deve ser extirpada das políticas públicas.

É sobre isso que estou falando, acho que é sobre isso que temos que pensar o significado do que é celebrar o dia de África. E falo isso com muita tranquilidade por dois motivos, e para não me alongar muito, trazer dois exemplos que considero importantes. Primeiro, diz respeito a algo que todo mundo tem discutido recentemente, que foram as grandes decisões do Supremo Tribunal Federal em relação às cotas raciais nas universidades, em relação à questão do Proune, também em relação à decisão sobre a questão dos indígenas no Sul da Bahia. São três elementos que na nossa opinião mostram que o ambiente que vem sendo criado, nesses últimos anos no Brasil, não admite mais que o País passe a avançar perdendo de vista ou sem observar que essas comunidades de fato precisam ter as suas respectivas demandas atendidas e por que isso?

Foram os negros africanos que criaram a riqueza do Brasil. Nós temos que trazer alguns elementos aqui que são importantes. Temos apenas 124 anos de abolição da escravatura, que coincidentemente se comemora em maio também, são apenas 124 anos. Se somarmos as idades de todos que estão na Mesa, tem mais tempo de vida de vocês que estão na Mesa do que nós de deixarmos de ser escravos.

Então, numa história de um país que passou quase 400 anos sob o regime escravocrata, as pessoas se lembram da escravidão mas não se lembram que foi durante o período da escravidão que foi financiado o capitalismo, tanto da Europa quanto dos Estados Unidos, foi isso que aconteceu. Quem financiou a riqueza do mundo capitalista foram os braços africanos no Ocidente. Essa é a verdade.



Para além disso, além dessa questão, desse avanço que estamos conseguindo enxergar a olho nu, aqui na Bahia temos alguns elementos que também podemos pontuar. É a partir de 2007, deputado Bira Corôa, que o governo do Estado tem uma campanha de governo, não é uma campanha da Secretaria de Promoção da Igualdade Racial, mas é uma campanha de governo e não é só uma campanha midiática, ela tem projetos voltados para o novembro negro. Desde 2007, e quero dividir isso com os nossos irmãos africanos, que o governo do Estado durante todo o mês de novembro celebra e constrói ações voltadas para o mês da consciência negra em homenagem a Zumbi dos Palmares.

Essa é uma primeira questão. A partir desse ano, além dessa celebração, o governo do Estado vai trazer porque no ano passado, acho que alguns aqui se lembram, espero que todos se lembrem, a homenagem da consciência negra foi de outros heróis negros. Ou seja, Zumbi fazendo história, mostrando os filhos de Zumbi, que foram os heróis de Búzios. Os heróis da revolta de Búzios, os primeiros heróis brasileiros baianos escrito no livro dos heróis da Pátria, que é fruto também desse projeto político, mais um avanço.

Quero dizer para vocês que para além desses dois exemplos, minha obrigação é dizer isso nesta sessão especial, até em homenagem ao deputado Bira Corôa e a todos que estão aqui, a partir desse ano o dia 25 também vai ser celebrado pelo governo do Estado.

A nossa expectativa é que a partir da próxima semana a Cidade do Salvador seja presenteada com algumas peças publicitárias, professor Jorge, que falam do dia 25 de maio como Dia da África. Isso nunca aconteceu neste Estado. Essas peças, que já estão em todo o Brasil e na contracapa da revista sobre o Dia da África, vão também estar em *outdoors* e em adesivos para carros, para que as pessoas saibam que o 25 de maio é o Dia da África.

Mas não é só o Dia da África, nesse dia 25 o governo do Estado da Bahia, com orientação do governador Jaques Wagner, que sempre diz que não quer só fazer obras físicas, mas mudar a cultura e a forma de pensar. O recado – e vocês vão permitir que eu leia, porque nem todos vão conseguir – é muito simples: ele diz que há o passado, o presente e o futuro. Aliás, acabamos de ver isso nos filmes. Ele diz mais: que a África representa para nós história, tradição e renovação, e que a África foi ontem, é hoje e será para sempre. É esse o recado que estamos querendo dar aqui.



E mais, nessa linha, também, antecipamos que já estão avançadas tratativas entre o mandato do deputado Bira Corôa, o governo do Estado da Bahia e o conjunto de diplomatas africanos. A nossa intenção é que no ano de 2013 o Dia da África comemorado no Brasil seja realizado em Salvador, na Bahia. E não apenas numa sessão como esta, mas que tentemos trazer o passado, o presente e o futuro, a tradição e renovação africanas para fazer um grande debate na Cidade do Salvador.

Precisamos ver os prédios de Luanda, a festa de Oxum e outras manifestações e potencialidades africanas aqui, no Dia da África, em 2013. E mais, deputado Bira, é importante que lembremos das lições que a nossa tradição religiosa nos dá.

Então, se a Europa está interessada no Brasil, se o hemisfério norte está interessado no Brasil e esses povos acham que o Brasil tem muito o que dar, acho que está na hora de acontecer um refluxo do Brasil, que é uma grande potência mundial hoje, para a nossa África, porque quando dizemos que a África é passado, presente e futuro compreendemos que o futuro da África e da humanidade pode ser, sim, motivado e enfatizado por aquilo que o Brasil representa hoje no que diz respeito ao continente africano.

O Brasil é o único país em que a síntese da origem da civilização do mundo está presente e não se perdeu com a sua história, a despeito da escravidão, ao contrário. O que estou dizendo, o que eu queria deixar como mensagem principal da minha fala é que o momento, hoje, é o de voltarmos às nossas origens, não para retirar à força os africanos que vieram construir o Brasil, mas que possamos devolver para aquela civilização o legado que deu aos brasileiros, e os brasileiros africanos aqui, na Bahia, são a grande maioria.

Muito obrigado. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Nós é que agradecemos, secretário, e também estendemos as felicitações pelas conquistas, sem dúvida alguma, da sociedade baiana e do povo brasileiro; por esse novo momento que vive a Bahia; e por esse bom momento em que se implementam políticas reparatórias, afirmativas e de identidade e de reconhecimento das nossas origens.



Antes de passar ao próximo orador, quero também fazer mais um convite à Mesa. Recebi uma crítica em relação à composição machista da Mesa. Quero corrigir convidando a *iaquiquerê* Sandra para compor a nossa Mesa. (Muitas palmas)

Quero registrar, também, as presenças da Secretaria Estadual de Comunicação, da Sedur, de Carlinhos Companheiro, ex-vereador de Salvador; de Ana Torquatro, representando o gabinete do deputado Marcelino Galo (palmas); de Luiz Carlos Borges, vereador Borges de Governador Mangabeira que, em seu nome, saúdo todos os representantes de Governador Mangabeira aqui presentes.

Registro, também, as presenças de Capitã Denise, sempre presente nesta Casa, e representa o Comando da Polícia Militar juntamente com a nossa representação na Mesa; Setad, Germen, Sindipetro, Dr. Jaime Guilherme, representando a Superintendência do Incra na Bahia; pai Welson, de Inhambupe, do terreiro Filhos *Cabaranguanzê*; Maria Rita do Quilombo; Diana Souza, diretora do Departamento de Reparação de Mulheres de Governador Mangabeira.

Vou passar a palavra. Logo em seguida, cito os demais.

(Não foi revisto pelo orador.)



3346-II

Ses. Esp. 17/05/12

Or^aOlívia Santana

Homenagem ao dia da África.

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Neste momento, passo a palavra à vereadora Olívia Santana que também fará uma breve saudação.

A Sr^a OLÍVIA SANTANA:- Boa-tarde a todas e a todos. Aliás, em primeiro lugar, saúdo as ialorixás e as babalorixás aqui presentes como, também, todas as pessoas como filhas, equedes e as comunidades de terreiros das diferentes nações. Quero saudar a Mesa na figura do deputado Bira Corôa, presidente desta sessão. Ao mesmo tempo, saúdo, também, o nosso querido amigo Camilo Afonso, representante e diretor da Casa de Angola e o Sr. Mojeed, representante da Casa da Nigéria. Em nome destes, eu saúdo todos os representantes, inclusive meu amigo Jorge Portugal.

Quero dizer que estamos em um ato e em uma celebração na Assembleia Legislativa comemorando o Dia da África que será, exatamente, no próximo dia 25 de maio. Esta data, na verdade, foi criada em 1963 como uma iniciativa e uma busca, ainda lá em Adis Abeba, durante o primeiro encontro, para se estabelecer uma organização para a unidade africana.

No ano 2000, houve uma modificação ou uma repactuação do que seria esta unidade africana. Inclusive foi convocada a reunião ou até idealizada uma reunião para este fim. Entre os líderes que a convocaram, um deles foi Kaddafi da Líbia que, hoje, caiu em desgraça, desculpem-me o termo, durante este movimento da Primavera Árabe.

No entanto há um entendimento importante: discutir o continente africano, o seu legado cultural, os laços que unem a população brasileira e, em especial, a população baiana com o continente africano juntamente com os seus 53 países. Objetiva-se, assim, observar o que há de comum entre nós e a África, ou seja, o legado deixado aqui dos povos africanos no duro processo da colonização.

Entretanto penso que, para além do debate de nossas herança cultural e herança religiosa, há um fato indiscutível, pois vivemos na Bahia que, na verdade, é a reinvenção da



África neste canto do Brasil. Nós seguramos esta bandeira. Talvez seja a Bahia, dentre todos os estados do Brasil, quem melhor cuidou do legado africano, deputado Bira Corôa. Não temos nenhuma dúvida disso.

Assim também ocorreu no sul do País com o estado do Paraná. Quando vemos o Rio Grande do Sul, parece estarmos na Europa.

Aqui é, exatamente, o contrário. Aqui, sentimo-nos na África, considerando as tradições, aí, explícitas, inclusive na maneira como as pessoas se vestem e desfilam pelas ruas da cidade do Salvador e, igualmente, Recôncavo Baiano.

Mas precisamos fazer um esforço para dar um salto no debate sobre essa questão. Precisamos adentrar, com mais profundidade, ao terreno da economia e da necessidade da nossa apropriação do patrimônio econômico que as forças de trabalho negras, sejam elas africanas ou afro-brasileiras, foram capazes de construir no Brasil. Penso ser este um debate fundamental.

E quando discutirmos a nossa relação com a África, temos de fazer soar mais alto a nossa relação de solidariedade com os povos africanos. São bandeiras estratégicas que penso que devem fazer parte de nossa agenda de debate e que, muitas vezes, sinto falta. Acho que nós temos de celebrar o avanço imposto pelo governo Lula no debate com o imperialismo americano, por exemplo, com os governos dos países que têm hegemonia na política mundial.

Temos, como exemplo, a discussão das patentes, professor Jorge Portugal. Não podemos ver a morte de irmãos e irmãs africanos como se isso fosse uma questão meramente da natureza. Isso não é uma questão natural, muito menos que se possa divinizar. Esta é uma questão de poder e de falta de acesso a remédios básicos, muitas vezes, deputado Bira Corôa.

Foi fundamental a decisão do presidente Lula de enfrentar a quebra de patente no Brasil. Decisão esta que, agora, a presidente Dilma renovou por mais cinco anos. O que é o coquetel contra o HIV? Sabemos que a maior população contaminada por HIV está, sim, no continente africano. Não queremos falar aqui apenas das mazelas, mas temos, também, de tocar em certas feridas apresentando perspectivas de cura para elas. E a quebra de patente é um bom exemplo, porque não há nada mais perverso no capitalismo do que as patentes de



remédios, uma vez que essas patentes jogam e lucram com o sangue e com a vida das pessoas.

Portanto é importante fazer parte de nosso debate a discussão sobre quebra de patentes; assim como, também, é fundamental a discussão da agenda de trabalho decente. Vi o Sr. Camilo Afonso, aqui, apresentando como Angola vem se desenvolvendo e construindo. A Odebrecht está lá. Muitas construtoras multinacionais estão lá. Elas estão transformando os países africanos num verdadeiro canteiros de obra no pós-guerra.

Mas nós temos de discutir as condições de trabalho daquele povo. Precisamos discutir a cadeia sangrenta dos diamantes, Sr. Camilo Afonso. É fundamental esta discussão, porque não é possível esse ciclo, desde a extração do diamante até chegar na Tiffany - a jóia desejada pelas atrizes de Hollywood e muitos endinheirados no mundo inteiro, inclusive no Brasil, que adquirem aquelas jóias - está lá a marca do sangue de muitos africanos que morrem nos processos de extração da matéria-prima, da matéria-bruta. Portanto, temos de discutir essas coisas.

O enfrentamento da miséria e da pobreza na África passa pelo reconhecimento das riquezas daquele continente, que ainda continuam sendo extraídas sem levar em conta a necessidade de devolução para aquele povo, para o desenvolvimento da humanidade africana. Isso é uma questão fundamental.

Eu não poderia chegar aqui para fazer essa saudação sem levar em conta essa realidade. Como penso que na discussão, a luta contra a intolerância religiosa já está a terminar, a luta em defesa da liberdade religiosa e da dignidade dos povos de terreiro passa, também, pela discussão da autonomia econômica e financeira dos povos de terreiro, como dos povos de quilombos.

Não queremos o nosso povo apenas à mercê dos programas sociais do governo, que são fundamentais, mas não são suficientes. Precisamos avançar mais. Tivemos uma conquista neste ano histórica, que foi a disputa, num debate altivo, que tivemos no Supremo Tribunal. Ali estava em jogo a academia. O que é a academia? É o centro da ciência, do saber, a universidade, o lugar onde se formam os líderes da nação, e é lá que o nosso povo negro tem que estar.



Temos de ter o nosso povo batendo tambor, dançando nas rodas de cerimônia religiosa, mas isso não é incompatível com o canudo que também temos de ter nas mãos. Precisamos que a nossa juventude tenha perspectiva, que as nossas mulheres se emancipem, efetivamente, e aí é preciso mesmo corrigir a Mesa (risos). A mesma luta em defesa da independência de tantos países africanos se deu contando com a participação de exércitos femininos. Em Angola foi assim, em Moçambique foi assim. Temos lá organização de mulheres moçambicanas, temos a organização de mulheres angolanas que não admitem a discussão política sem a presença da mulher enquanto sujeito. Portanto, é muito importante dizer aqui, deputado Bira Corôa, que a sua iniciativa tem de continuar nesta Casa, tem de, cada vez mais, se afirmar e se ampliar.

Celebramos, durante muitos anos, o Dia da África lá. Houve momentos que conflitamos, V.Ex^a fazendo aqui e nós fazendo na Câmara Municipal de Salvador. Mas, penso que a cidade é grande, tem 2 milhões e 600 mil habitantes. O Brasil é um país de 200 milhões de habitantes, portanto, há lugar, sim, para este debate. Metade da população brasileira é negra, é descendente de africano, e essa discussão sobre a soberania do continente africano, a soberania da África, interessa ao Brasil. É uma discussão estratégica porque agora queremos a colaboração Sul-Sul, queremos que os países fortaleçam os BRICS, como a África do Sul vem fazendo, Brasil, Índia, África do Sul.

Queremos mais. Queremos Angola, Moçambique, Nigéria, todos os países africanos, ao lado do Brasil, lutando por uma nova ordem mundial. E não haverá uma nova ordem mundial se os de baixo não atingirem o andar de cima. E nós estamos aqui porque temos a certeza da nossa capacidade de, organizados politicamente, conquistar, sim, o poder, compartilharmos o poder, porque é para isso que estamos aqui. Se o poder é bom, nós também o queremos, já disse o Ilê. Nós repetimos isso todos os dias.

Saudações às minhas irmãs, aos meus irmãos e aos representantes de cada País que aqui estão. Um dia o sol há de brilhar para todos os povos.

Muito obrigada. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Nós é que agradecemos, vereadora.



ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DA BAHIA

DIVISÃO DE TAQUIGRAFIA

(Não foi revisto pela oradora.)

**DL-02****Ses. Esp. 17/05/12**

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Quero registrar as presenças da Ebomi Nice do Terreiro da Casa Branca, sempre presente, nesta Casa, abrilhantando, sem dúvida alguma, as nossas ações; da Ebomi Valkíria de Oxum, do Ilê Axé Oxum Marê; da Ebomi Marlene de Exú; da Ebomi Bete de Oxalá; do Ebomi Mário de Oxossi; da Ebomi Marlene de Nanã; do Terreiro Ylê Axé de Oyá; do Terreiro Ylê Yoyalodêidê; do Terreiro Oba Tozî; da Comissão da Reparação da Câmara Municipal de Salvador; do Fórum de Entidades do Subúrbio; do município de Caldas do Cipó; do Núcleo de Justiça Comunitária; da Casa de Maria Felipa; do Grupo de Dança Sou Kudurista; e do Fórum de Mulheres de Camaçari.

Quero também registrar, aqui, uma série de comunicados citando as dificuldades de se fazerem presentes, mas reafirmando a importância deste ato. O vereador Marcelino do município de Camaçari, Líder do Governo na Câmara, encaminhou um comunicado. O Sr. Thomas Sukutai, chefe das Missões Diplomáticas Africanas em Brasília, da Embaixada da República do Zimbábue, também apresenta um comunicado externando as dificuldades de poder participar deste ato, em razão de outros compromissos, e reafirmando a sua importância. Enviaram O Sr. Carlos Costa, secretário da Secretaria Extraordinária de Indústria Naval e Portuária, e o presidente da Associação Comercial da Bahia, Sr. Marcos de Meirelles Fonseca, também enviaram comunicados reafirmando a importância do ato, mas justificando as suas ausências.

Neste momento, convido para receber uma homenagem o Alabê Erenilton. Essa homenagem é um reconhecimento da sua história, mas, acima de tudo, o reconhecimento da sua contribuição na perpetuação das religiões de matriz africana e por ser, hoje, o Alabê mais antigo no nosso Estado. Com certeza, muito da sua história será repassada para as nossas futuras gerações.

Será apresentando um vídeo, mas, antes disso, quero convidar Babá PC do Ilê Axé Oxumarê para que ele possa nos auxiliar, conduzindo esse ato solene de homenagem.

(O homenageado adentra ao Plenário.)



O Sr. PRESIDENTE (Bira Coroa): - Com a palavra Baba PC Ilê Axé Oxumaré.

O Sr. Baba PC Ilê Axé Oxumaré:- Boa tarde, que todos sejam bem- vindos.

A bênção aos mais velhos.

Queria saudar a Mesa na figura do deputado Bira Corôa e dizer que este é um ato ilustre, rico. Esta Casa está de parabéns em abraçar esse povo, o povo de santo que, ainda, tanto sofre nesta cidade.

Eu estou muito emocionado e gostaria de convidar Marcos Resende, Oju Obá, para me ajudar e Sandra Bispo para fazer esta homenagem a Ogá Erenilton Bispo dos Santos, meu tio biológico.



3347-II

Ses. Esp. 17/05/12

Or^a Sandra Bispo

Homenagem ao dia da África.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa): - Com a palavra a Sr^a Sandra Bispo.

A Sr^a SANDRA BISPO:- Realmente, este é um momento de grande emoção.

Saudação a toda a Mesa, ao deputado Bira Corôa, as autoridades religiosas presentes, Monjubá, Mucuiu, Kolofé, bênção pra quem é de bênção.

Senhor deste dia, meu respeito. Eu o saúdo. Deixe-me cumprir a missão da qual Olodumare me encarregou. Nosso Oludumare e a Mãe Yemanjá nos orienta e dá a sua bênção axé.

Eu comprei um desafio maravilhoso, tive a riqueza de estar com o homenageado na residência dele e passei uma manhã com ele. Eu não ousaria tentar escrever a marca do tempo de 62 anos em um papel, e dizer o que eu ouvi deste contador de história.

Então chamo isso de uma tentativa de homenageá-lo com um pequeno esboço de uma vida. (lê): *“Menino nascido no bairro da Fazenda Garcia pelos idos de 1934 em Salvador, filho de uma das mais guerreiras e renomadas Ialorixás Simpliciana Basília da Encarnação - Mãe Simplicia de Ogum e o saudoso Ogã suspenso Hilário Bispo dos Santos, grandes líderes no Terreiro Oxumarê.*

Localizado na Avenida Vasco da Gama, fundado em meados do século XIX, o Terreiro Ylê Axé Oxumarê tem uma tradição, segundo a história oral, de aproximadamente 140 anos, estando em desenvolvimento pesquisa etnográfica, tornando-se uma referência entre os templos de Candomblé do Brasil e do mundo, sendo citado em várias obras literárias por diversos Historiadores.

O menino Erenilton nasceu no Garcia mas, foi criado no Candomblé desde muito cedo, suspenso por YANSÃ de Ya Minelvina, foi confirmado por Pai Nezinho de Muritiba recebendo o posto de Ylemocho do Terreiro Oxumarê. Sua genitora, a guerreira e batalhadora Mãe Simplicia de Ogum, precisava atender as responsabilidades que Ogum lhe



confiou como filha e Yalorixá no Terreiro Oxumarê e, assim, levava seus filhos para que os Orixás ajudasse a criar. Os sábios homens e mulheres do candomblé entendiam que cada tarefa dada para uma criança era sempre um momento de ensinar e aprender: momento de impor limites, regras e normas de comportamento. E é nesse contexto do Candomblé como uma grande escola de vida, composto por um conjunto de afazeres que vão desde a construção artesanal de objetos de ritual religioso como os atabaques, agogôs e outros, até os toques, cânticos, danças, festas públicas, iniciações e rituais fúnebres como os axexês e outras atividades e tradições religiosas, que é passado de geração a geração. É neste espaço mágico e oportuno que cria-se o mito, o contador de história musicada o Ogã Erenilton Bispo dos Santos. E aí Ogã Erenilton? E aqui navego pelas gotas de sabedoria colhidas durante nosso bate papo.

Então, ele descreveu para mim: no candomblé tem uma divisão de tarefa mas, por exemplo, eu fiz muitos atabaques com folhas de dendê, coqueiro e os mais velhos cobrava muito da gente aprender as coisas e diziam que cantar e tocar atabaques era coisa de homem mas, o vocal, podia ser dividido com as mulheres e cobrava que elas todas cantassem. Agora tem uma coisa, no Candomblé as criança são todas inteligentes, você sabe como menino é curioso, ficavam todos atentos querendo aprender as coisas mas era proibido criança participar das cerimônias por causa do juizado. Na hora de começar o candomblé algumas crianças eram escondidas embaixo das fartas anáguas das ebomes e ali assistiam o candomblé cantando e escutando os toques e ritmos e ajudava elas a cantar. A mulher do Candomblé não tinha com deixar seus filhos e precisavam que as crianças aprendessem certo o que era ensinado para mais tarde ensinar também e todo mundo ajudava a criar a gente. Mas os mais velhos só ensinava o que podia ensinar e dizer apenas o que ser dito, pois para eles criança era criança e adulto era adulto. Minha irmã Tânia, por exemplo, toca pra caramba, ela não se aperta com nada aprendeu a marcar todos os ritmos e cantigas porque ela estava ali desde pequena. Assim também foi minha Irmã Nilzete (Mãe Nilzete de Yemanjá), ela assumiu nova mais foi criada e aprendeu com o Orixá dela e os mais velhos. Outra coisa, tem um cargo de mulher, Ya Tebexe, ocupado pela responsável exclusiva pelo cântico no Barracão esse cargo é feminino e lá dentro podia, e também no



barracão...”, esse cargo é feminino, e lá dentro podia cantar, e também no barracão, “... (referindo-se aos rituais internos). Aqui cito, este cargo atualmente no Terreiro Oxumaré é ocupado por Mãe Bete de Oxalá...”, que vocês acabaram de ver puxando as cantigas. “...Ah! minha prima, a disciplina era rígido. Eu mesmo fui crescendo, aprendi a ser encanador com Seu Roque Bispo, Seu Miúdo, chamado Bala de Bronze; fui pedreiro cabo-de-turma, mestre de obras, e aprendi com meu pai Hilário; eu e meus irmãos Miltinho, Hilarinho, Cidinho também que era pintor e tinha outros. No Candomblé tive grandes Mestres e o maior deles todos foi OGUM DEKISSE: Ogum cantava para caramba e com ele aprendi que a pessoa que toca o atabaque tem que ter ciência, porque a ciência vem da inteligência do homem...” tem que ter atenção e responsabilidade, porque se um atabaque cair, é um coco pra dendê. “O candomblé em que tocar compassado, ter atenção para ouvir e seguir a cantiga acompanhando o toque, o ritual, a nação se é keto ou Angola, quem fala mais forte é o Orixá.. A gente tem que prestar atenção, saber o que está cantando pra não cantar a música errada no ritual que não pega aquela cantiga. Cada musica e cada toque tem sua hora e momento.

Além dos Orixás eu tive grandes Mestres como o Alabé Manoel Pai Preto, Paizinho que cantava e tocava muito também, Antônio Manoel Possidônio ogã de Oxumaré, Amorzinho Assobá do Gantois, o ogã Aucênio, ogã Ciriaco do Angola, Ogã Cipriano da Casa Branca e outros IN memória. Eu aprendi muito, tanto que fui apelidado tipo Pelé do Candomblé, pelos ogãs mais velhos inclusive o Pai Preto Oga do Gantois. Além da competição pra aprender tinha também uma competição de elegância entre os Ogãs. Todos queriam exaltar o orgulho de ser e pertencer ao Candomblé. Era lei ser elegante pois isto garantia a supremacia do Terreiro orgulho e o prazer de ser Ogã.

Aos sessenta e nove anos de idade contando sessenta e dois de iniciado, toma como histórico...”, aqui uso palavras próprias, “...a gravação de vários CDs, um dos primeiros CDs foi gravado sob orientação de Pierre Verger, gravação de várias entrevistas, exposição de fotos, fundou e dirigiu o afoxé Filhos do Korin Efan, contribuiu com a revitalização e continuidade da tradição no Terreiro Oxumaré, da Ala de Canto dos Filhos de Ghandi, constitui-se em elemento fundamental na articulação entre os Terreiros na linha



do respeito a, solidariedade e irmandade. Finalizando nosso bate papo disse: o trabalho do Ogã não é restrito a tocar ou cantar, ele tem que saber como constrói aquele objeto, saber como alimentar cada instrumento, vestir e tomar sagrado cada um e sabendo o nome de cada um...”, a hora que pode pegar e tocar e como pegar. “ ...O longo caminho para aprender pode levar uma vida inteira, devido aos detalhes e informações que somente se transmitem quando as pessoas passam a ganhar confiança, intimidade, responsabilidade, seriedade e fé. Finalizo afirmando que ser OGÃ é uma felicidade, não vejo minha vida sem o Candomblé. Ser Ogã é se compreender, chegar junto com o Pai ou Mãe de Santo, cada um seguir seu posto se ajudando uns aos outros. Esse meu jeito de ser e agir eu aprendi com os mais velhos. Agradeço a todos que fizeram essa homenagem e que meu pai Omolú-Obaluaiê abençoe a todos e meu muito obrigado.”

Saio um pouco da fala do Ogan Erenilton e lembro que é importante citar alguma coisa sobre aguidavi. E neste momento passo a palavra para o babalorixá Sivanilton, que esboçará alguma coisa sobre a importância do aguidavi.

Muito obrigada.

(Não foi revisto pela oradora.)



3348-II

Ses. Esp. 17/05/12

Or. Babalorixá Sivanilton

Homenagem ao Dia da África.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Com a palavra o babalorixá Sivanilton.

O Sr. BABALORIXÁ SIVANILTON:- A importância do aguidavi dentro da religião do candomblé, na Nação de Ketu e na Nação de Jeje, que é muito utilizado.

O aguidavi está no idioma Èvê da Nação de Jeje, na Nação de Ketu, Igui Ilú, que seria o instrumento principal para o alabê, que conduz o Rum, o Ilú, o Batá, que é aquele atabaque, como é conhecido.

Todo tocador, todo Ogan tem um sonho. Ele começa a aprender no menor e tem o sonho de chegar ao Rum, o maior, que vocês estão vendo ali. Ele tem que passar por uma triagem do mestre, que dirá se ele está preparado. E esse mestre é quem pode dizer quem está preparado para segurar no aguidavi, que, como disse, vem da Nação de Jeje, mas no Brasil os povos se misturam e o candomblé se reconstrói.

E dentro dos terreiros foi uma estratégia dos colonizadores juntar pessoas que falassem idiomas diferentes. Essa foi uma estratégia para que não se organizassem. Pensaram que o nosso povo não era inteligente, mas eles mostraram muita inteligência. Mesmo assim foram compreendendo uns aos outros e se organizando.

Os terreiros de candomblé são setores não só de importância, os orixás, mas também uma forma de se organizar, de se reconstruir a família que foi perdida no tempo, na vinda. Então, reconstrói-se ali o pai, a mãe, o irmão.

Então o aguidavi, para que vocês possam entender, é como a varinha do maestro, para conduzir a cerimônia religiosa do candomblé. Ogã Erenilton, o grande homem, orientador, conhecedor, não é porque é meu tio, não. Vários terreiros desta Bahia, vários jovens hoje dizem: Ogã Erenilton foi o meu mestre. Grande mestre, estamos lhe fazendo esta homenagem em nome de todo o povo de santo, em nome de todos os terreiros da Bahia, axé, aqui representados. (Palmas)



Nós utilizamos um cântico que as pessoas escutaram, **ayã** quer dizer o grande tocador, o grande pai ou a grande mãe, pedimos licença para adentrar nesse espaço. Foi o cântico entoado aqui, e vou entoar, pedindo, mais uma vez, que todos possam me ajudar a fazer esse cântico em homenagem ao Ogã Erenilton Bispo dos Santos.

Uma coisa que não foi dita aqui é que, além dos espaços de terreiros, ele também atua levando esse conhecimento, essa cultura para fora, sendo fundador do Korin Efan e depois criando os Filhos do Korin Efan. Foi também um dos fundadores dos Filhos de Gandhi.

(O Babalorixá Sivanilton entoa o cântico.)

(Palmas)

Quer dizer que quem não cuida bem desse instrumento, desse *aguidavi*, desse *igui ilu*, ele pode voltar e bater na sua própria cabeça. Axé! (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



DL-03

Ses. Esp. 17/05/12

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Com a palavra o Sr. Marcos Resende.

O Sr. Marcos Resende:- Neste momento, convidamos o Ogã Alabê Valnei para receber o aguidavi de prata das mãos do nosso mestre Ogã Ylemocho Alabê Eerenilton Bispo dos Santos.

(É feita a homenagem.)

Aproveitamos também o momento para lembrar que o Ogã Erenilton, nosso Ylemocho, recebeu da Universidade Federal da Bahia o aguidavi de ouro por tudo que ele fez pela história dos terreiros de candomblé da nossa cidade, do nosso Estado, do nosso país.

No momento, então, a nossa Ebomi Valkíria de Oxum entrega o Agdavi de Ouro ao nosso Ogã Elémòso Erenilton Bispo dos Santos (Palmas).

(A Sr^a Valquíria procede à entrega solicitada.)

Convidamos todos a voltarem aos seus lugares. Neste momento, o nosso Exm^o Sr. Deputado Bira Coroa fará a entrega da placa da Assembleia Legislativa em nome do mandato, por conta desta sessão especial a respeito dos diálogos com as casas africanas na Bahia, ao nosso Ogã Erenilton Bispo dos Santos. Essa placa relembra o quanto Erenilton, para todos nós do Axé, independente de casa ou de terreiro, porque tem muitas histórias, o que ele representou para que permaneçamos e tenhamos avançado tanto na luta do povo das religiões de matrizes africanas.

Ogã Erenilton, receba do Exm^o Sr. Bira Coroa, deputado desta Casa, a placa comemorativa em homenagem a tudo que o Senhor representa para o povo de Axé. Axé e o nosso paó para o senhor. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Coroa):- Essa homenagem não é nada mais nada menos do que um simples reconhecimento desta Casa e da Comissão de Promoção da Igualdade desta Assembleia Legislativa, em nome de todos os pares, da contribuição dada pelo Sr. Erenilton, não apenas na formação e na qualificação de diversas gerações ao longo de toda a sua vida, mas pela dedicação, pela prova de fé e acima de tudo de compromisso com o nosso



povo e com a nossa religiosidade. Que esta placa seja um símbolo e um marco na sua vida, na vida de toda sua família e, em especial, em todo o nosso povo de santo. (Palmas)

(O Sr. Bira Coroa faz a entrega da placa ao homenageado.)

O Sr. Erenilton Bispo dos Santos:- Agradeço a todo mundo, a todos vocês. Quero dar boa-tarde a todos e agradeço também a Marcos, parente inteligente... Ele vinha falando comigo “meu tio, vou fazer uma homenagem ao senhor...” Eu disse, tudo bem. É por isso que estou aqui, principalmente ao lado de Oxumarê, onde nasci e me criei. Para todos vocês, respondo com essas palavras bonitas do candomblé.

(O Sr. Erenilton faz uma saudação às principais casas de candomblé da Bahia e às mais antigas do País.)

(Continua a saudação.)

O Sr. Ogã Erenilton:- Hoje é quinta-feira, dia de Odé. Que odé jogue caça gorda no Sr. Deputado Bira Corôa e em toda a Mesa. Que Odé abençoe esta Mesa, dê força para continuarmos com as nossas ações. Que este povo possa continuar adentrando a este espaço.

Parabéns, deputado Bira Corôa. (Palmas)

O Sr. Marcos Resende:- Temos, ainda, dois momentos antes de terminar a sessão. Já estamos no momento de encerramento. Um é para nos recompormos emocionalmente e, ao mesmo tempo, tomarmos, aí, mais um banho de bons ventos, boas energias e novas emoções. Este é um vídeo feito pela Casa de Oxumaré. Ele é breve e conta um pouco da trajetória do nosso elemoxó alabê, Erenilton Bispo dos Santos. Depois da apresentação do vídeo, será a fala final de nosso excelentíssimo deputado Bira Corôa.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Marcos, enquanto prepara-se o vídeo, quero só registrar, aqui, as presenças de ebome Ana, ebome Nice de Ogum, Instituto Mídia Ética, ebome Jorge de Oxosse, ebome Cotinha de Ogum.

Também, registro a presença de Maurício Pestana, presidente do Conselho Editorial da Revista Raça Brasil, que parabeniza este ato e externa os seus votos de felicidades a todos e a todas e, também, reafirma a importância da África para o Brasil e para o mundo.

Vamos assistir ao vídeo devidamente preparado.



(Procede-se à apresentação do vídeo.)

(Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Já não há nem tanto espaço mais para fazer um pronunciamento longo ou um discurso como assim foi preparado, inclusive peço desculpas a nossa assessoria, que muito se esforçou para auxiliar na elaboração de um discurso para este momento, mas o ato em si já é o nosso discurso. As emoções, as razões, a retomada da nossa história e a reafirmação da nossa identidade falam muito mais do que qualquer discurso e do que qualquer texto que pudéssemos estar aqui apresentando.

Quero apenas ressaltar que os negros e negras no mundo inteiro celebram o Dia da África não apenas como uma data comemorativa, mas como um marco, um marco de reafirmar a nossa existência e de reconstruir as nossas lutas e de empoderar nas nossas trincheiras de luta o nosso poder de transformação, de reafirmação e de identidade.

Sem dúvida alguma, esta é a sexta edição da comemorações do Dia da África nesta Casa e neste Poder Legislativo, não posso esconder as emoções e, acima de tudo, o sentimento de realização, de afirmação e de compromisso para que este ato perdure nesta Casa e, assim como foi citado na fala do nosso secretário Elias Sampaio, que seja incorporado como um projeto e um plano de governo de Estado para que esta data seja sempre para a Bahia, o Estado mais negro fora do continente africano, o Estado que mais preservou as nossas raízes culturais e as nossas identidades, o Estado que mais se identifica com o continente-mãe África não possa ser apenas uma data festiva, mas que no próximo ano possamos celebrar aqui as comemorações no âmbito do Brasil ou a celebração nacional do Dia da África com o compromisso firmado com o governo do Estado, com o compromisso firmado com as representações africanas no Brasil e assim também com esta Casa e este Poder Legislativo, e também com as entidades que ora são as principais referências desta luta e que a elas é que devemos depositar todos os méritos de conquistas até aqui.

E, não posso deixar de pontuar que entre os méritos de conquistas desse bom momento que vive o Brasil, que vive a Bahia, mas que acima de tudo vive a nossa identidade negra, quando o Supremo Tribunal Federal, num espaço de menos de 20 dias, reconhece-nos com três ações que reafirmam a nossa luta, quando no dia 26 de abril, quando foi julgado o



pedido e a provocação do DEM para que fosse extinto o direito de cotas na UNB e o Supremo Tribunal Federal reconhece que as cotas não são privilégios, são conquistas, e como conquistas têm que permanecer, que reafirma o direito de jovens negros e negras, indígenas e ciganos oriundos da escola pública possam adentrar as universidades públicas deste País e do nosso Estado, sem dúvida alguma, uma das grandes conquistas para o nosso povo, assim como no dia 2 de maio o Supremo Tribunal Federal também reconhece como propriedade natural 54 mil hectares de terra que separam os municípios de Pau Brasil e Camacan, nobre deputada Fátima Nunes. É uma luta travada nesta Casa que a senhora, sem dúvida alguma, à frente desta luta, reconhece que os títulos de propriedade dados aos fazendeiros, grileiros e até mesmo posseiros não têm validade, porque a terra é de direito dos povos indígenas.

E, os pataxós hã-hã-hãe do Extremo Sul da Bahia, juntamente com todos os indígenas do nosso Estado, do nosso País, das 18 nações indígenas com etnias no nosso Estado, comemoram exatamente esse reconhecimento e essa conquista. Assim também como comemoramos que o mesmo fórum do Supremo Tribunal Federal reafirma a manutenção do Prouni, nobre colega professor Jorge Portugal, como uma forma de também quebrar essa distância, reduzindo, assim, o espaço criado ao longo de décadas e séculos entre a nossa juventude negra com a juventude da elite branca, de adentrar as universidades e poder ocupar os espaços de poder neste País, neste Estado e nos nossos municípios.

Então, sem dúvida, Jaime Guilherme, é extremamente importante este momento. É preciso também que as entidades possam auxiliar, para que o Supremo Tribunal Federal, na próxima edição, possa votar também o direito de propriedade aos remanescentes de quilombos, para que possamos estar fazendo justiça e assegurando o direito à terra a quem da terra cuida há séculos.

Portanto, são ações que não poderia deixar de citar, mas quero concluir apenas destacando a ação da Comissão de Promoção da Igualdade desta Casa, juntamente com o nosso mandato, consolidado por uma luta que há muito era vista como distante, até impossível. Foi dito aqui, várias vezes, nesta Casa, que se deveria procurar outras frentes de



luta, porque lutar pela igualdade era malhar em ferro frio. Ouvi várias vezes ser dito aqui nesta Casa.

Mas a luta se monta pela nossa própria identidade e ela se constrói a partir das nossas próprias razões. E, sem dúvida alguma, esta sessão de hoje nos engrandece com a história viva de alguém que em quase 90 anos de existência, no seu papel, na sua função e nas ações envolvidas na sociedade, ensina-nos muito e nos permite poder desfrutar da sua experiência, da sua convivência e dos seus ensinamentos para que as próximas gerações sejam mais embevecidas da força de luta, da disposição, do compromisso e da razão de ser negros e negras neste nosso Estado.

Por isso, eu me sinto no papel de encerrar este ato, fazendo as ações e seguindo o rito desta Casa, mas agradecendo a toda a Mesa. Não vou nominar por uma questão de tempo, agradecendo toda a Mesa pela contribuição, pela participação, pela realização, mas, em especial, agradecer a todos e todas que estiveram aqui no dia de hoje, que contribuíram direta e indiretamente para essa construção, que permitiram que esta Casa pudesse realizar um ato como este e reafirmando, cada vez mais, a sociedade igualitária que todos nós acreditamos e que nós por ela nos dedicamos na luta.

Acima de tudo, em nome do Poder Legislativo da Bahia, agradeço a presença de todos. Dou por encerrada esta sessão, mas convido todos a participar de um coquetel nas instalações do restaurante desta Casa como símbolo de harmonia, de paz e de reafirmação dos nossos ensinamentos. Na nossa visão dos terreiros, tudo pertence ao tempo, e o tempo tem a comida e tem acima de tudo os prazeres de se olhar nos olhos, de se abraçar e de se contemplar com a irmandade que o nosso povo sempre preservou. Que Deus, que os nossos orixás possam estar cobrindo as nossas vidas, os nossos dias e permitindo que nesta Bahia nós, negros e negras, sejamos mais respeitados e possamos ocupar cada vez mais os nossos espaços de dever e de direito. Obrigado a todos. (Palmas)